



Midiatização no cotidiano escolar: qual o papel do letramento midiático?¹

Mediatization in everyday school life: what is the role of media literacy

Walcéa Barreto Alves
Iris Menezes de Jesus

Palavras-chave: Letramento; Mídia; Educação.

“A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. (Freire, 1983, p.45). Com esta frase, do ilustre educador Paulo Freire, introduzimos esse artigo.

O legado de Freire perpassa diversas áreas do conhecimento. Por sua vez, alcança também o campo da comunicação e o estudo das mídias. É possível observar como é vasta a contribuição desse autor para a compreensão dos processos comunicacionais. Um dos propulsores dos estudos em educação no Brasil, certamente o autor abriu caminhos para sua interlocução com o estudo das mídias numa perspectiva crítica, área interdisciplinar em ascensão.

Na obra póstuma “Educar com a Mídia” (2013), Freire nos aponta a dimensão política do olhar para as tecnologias e produções midiáticas. O autor afirma que “os meios de comunicação não são bons nem ruins em si mesmos”. O problema principal consiste em “perguntar a serviço ‘do quê’ e a serviço ‘de quem’ os meios de comunicação se acham”, visto que envolvem relações de poder sobre os meios de produção (p.13). A visão crítica sobre os conteúdos veiculados nas mídias digitais e sobre a sua materialidade - estrutura com que as mídias se espriam – é imprescindível para o manejo autônomo e consciente dos sujeitos.

¹ Trabalho apresentado ao VII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.



Em diálogo com Paulo Freire, Sérgio Guimarães (2013) relata que observava em suas salas de aula que as crianças interagiam com a mídia de modo ativo. Elas tinham suas críticas, ironias e dramatizações (como que releituras) sobre os meios e suas mensagens. Contudo, observava também, que isso era pouco considerado pelos educadores, estudiosos e produtores dos meios. Essa constatação desvela a necessidade do olhar atento e escuta sensível ao que o outro tem a dizer, sendo o espaço da educação essencialmente comunicacional. Ressalta-se a importância, no caso da escola, de que os estudantes possam expressar, num processo de compartilhamento dialógico, suas reflexões, posicionamentos e questionamentos.

O modo como agimos e pensamos jamais se faz de modo isolado – se faz em processo de comunicação, constantemente. Mediados uns pelos outros, os seres humanos se comunicam mediante construções simbólicas, implementando “atos cognoscitivos” sobre o “objeto cognoscível” numa relação entre os “sujeitos cognoscentes” (Freire, 1983). Colocando o “objeto cognoscível” enquanto mídias, pontuamos aqui a relevância do desenvolvimento da perspectiva de uma educação midiática dialógica e crítica (Buckingham, 2022; Kellner, 2001).

“Buscar a significação dos significados” (Freire, 1983) implica compreender os meandros que envolvem os processos comunicacionais mediados pelos seres humanos em interação com as mídias.

Desse modo, salientamos que a educação midiática – que aqui nesse texto trataremos como letramento midiático – é um caminho imprescindível a ser traçado. Compreende-se o letramento como um conjunto de competências midiáticas, que tem por objetivo contribuir para o desenvolvimento da autonomia pessoal de cidadãos, bem como o seu compromisso social e cultural, abrangendo tanto a maneira como os conteúdos midiáticos são consumidos, quanto o modo como são produzidos (Ferrés e Piscitelli, 2015).

Possibilitar uma prática reflexiva no uso e apropriação dos meios de comunicação é uma abordagem pedagógica fundamental para promover o



desenvolvimento integral dos indivíduos, em especial na sociedade contemporânea e, especificamente, no contexto escolar (Kellner, 2001).

Olhando para a escola como *locus* elementar de ações educacionais intencionais e sistematizadas, há urgência de ações que favoreçam a efetividade de práticas pedagógicas voltadas para uma perspectiva crítica de leitura, escrita e produção de textos midiáticos. Deve-se resguardar à escola o seu papel e compromisso em estimular a reflexão frente a questões que se impõem na sociedade, sobretudo, diante de um cenário multimidiático. É de grande relevância que as instituições educativas compreendam e incorporem com mais intencionalidade crítica as novas linguagens e seus modos de funcionamento, desvendando possibilidades de comunicação (e também de manipulação). É fundamental uma educação voltada para usos mais democráticos das tecnologias e para uma participação mais consciente na cultura digital.

Isto posto, este artigo se propõe a iniciar uma tessitura sobre a relação entre cotidiano, mídia, midiatização e educação midiática, articulando resultados de pesquisa que têm como fundamento práticas de letramento midiático na educação básica, na modalidade de jovens e adultos. A pesquisa foi desenvolvida numa escola da Rede Municipal de Educação de Niterói, entendendo o letramento como ferramenta para uma educação emancipadora e crítica.

2. Metodologia, discussão e resultados

A pesquisa proposta foi realizada com jovens e adultos alocados em uma classe de EJA da rede Municipal do Município de Niterói. A turma possuía estudantes com idades variadas, entre 15 e 50 anos. Eram compostas majoritariamente por mulheres, com aproximadamente 15 matriculados.

Ressalta-se que, de acordo com os dados coletados no questionário, as estudantes eram majoritariamente negras, com renda aproximada de 1 salário mínimo e moradores de regiões periféricas.

O trabalho de campo dessa primeira fase da pesquisa teve quatro etapas: 1) observação participante; 2) aplicação de questionário para se verificar o perfil do grupo



pesquisado; 3) apresentação da temática sobre o letramento midiático; 4) realização de uma oficina de letramento midiático.

Neste trabalho iremos enfatizar a realização da oficina.

Participaram das oficinas 4 estudantes, do sexo feminino, do 9º ano do ensino fundamental, na EJA, três jovens e uma adulta (15, 15, 18 e 50 anos).

Cabe pontuar que essa turma tinha um total de 15 estudantes e que a frequência era “baixa e rotativa”.

As alunas receberam uma manchete impressa cada. Elas deveriam analisar individualmente para posteriormente discutirmos em grupo. As reportagens eram diferentes e versavam sobre temas cotidianos. Elas foram escolhidas pela pesquisadora levando em consideração as nuances que apresentaram a partir da observação de sala de aula. Desse modo, as notícias perpassaram pela temática política, sobre violência, racismo e machismo. As referidas manchetes foram retiradas de jornais online como G1 e O Globo.

Para que as alunas compreendessem melhor a temática, foi realizada uma apresentação, através de slides, sobre o que é letramento midiático e como o desenvolvemos na prática do nosso dia a dia.

No decorrer da introdução à turma, as alunas se mostraram muito interessadas e trouxeram diversos exemplos dos seus cotidianos. Falaram sobre os perigos da *fake news*, lembraram de novelas que trataram da temática e conseguiram identificar como uma manchete pode ser preconceituosa, sobretudo quando referidas a grupos minoritários.

Desta maneira, notamos como foi fundamental o momento de apresentação dos da temática da pesquisa com espaço de fala e participação de todas as estudantes. Esta trouxe novos conteúdos, contudo os mesmos foram inseridos em suas realidades instigando-as a pensarem de modo crítico questões que se apresentavam em seus cotidianos, sobretudo por meio dos veículos midiáticos.



Logo após essa conversa inicial, as manchetes foram apresentadas às estudantes. Nesse trabalho, destacaremos duas em específico.

A notícia “Filho de vereador e campeão de karatê, homem é preso por tráfico de drogas com 720kg de cocaína.”, apresentava uma clássica representação do homem branco de classe média cometendo um ato delituoso, o que causou bastante incômodo nas alunas. Uma delas disse:

Aluna 1: “Achei um absurdo, só porque ele é branco tratam ele como ‘homem é preso’ e não traficante ou associado ao tráfico de drogas, mostra o preconceito sim, já de cara, porque se fosse um homem negro, se fosse um pai de família negro, estaria sendo tratado como um traficante, né, e pelo fato dele ser filho de vereador, campeão de karatê, não está sendo punido por isso, é muito errado.”

Pesquisadora: “Como você caracterizaria essa manchete?”

Aluna 1: “Não é *fake*, mas é um título diferente, preconceituoso. Como se não fosse um contra a lei. Foi tratado como um homem normal e não traficante. Primeiro vem as características dele, filho de quem ele é, e tal, para depois tratar ele assim. (Notas de campo, 2023).

É possível verificar que a estudante percebeu as sutilezas e o preconceito estrutural presentes na manchete. Poderia ser só mais uma notícia informativa, porém o modo como foi relatada, gerou na estudante a ascensão de um pensamento crítico que outrora não se via. Ela conseguiu notar as nuances da matéria, que foca na caracterização do acusado para, enfim, relatar seu crime. Destacamos que nessa reportagem havia uma foto do sujeito da notícia – um homem branco, tirando uma selfie -, o que ensejou a discussão sobre o racismo.

Na segunda matéria, intitulada: “Manu Gavassi – explante de silicone, transição capilar e novo timbre: essa moça ‘tá’ diferente.” Após a leitura, as alunas debateram:

Aluna 1: “Tudo isso para falar do silicone, para expor os peitos dela?”

Aluna 2: “E que fez transição capilar, só fala da aparência dela”.

Aluna 3: “Tá falando até da transição capilar da mulher, deixa ela. Se ela gostou, tá se achando melhor assim, é problema dela. Não precisa dessa exposição, mas nêgo [sic] vai e expõe só porque é famosa, tá na mídia. Uma coisa boba pra clicar, só pra dar dinheiro pra eles”.

Aluna 1: “Ela falou milhões de coisas interessantes na entrevista, mas só pegaram sobre o corpo dela”.

Aluna 3: “Só coisa sem necessidade”.



Aluna 2: “Pois é, será que a entrevista foi só isso?”

Essa manchete repercutiu bastante entre elas. Mesmo diante das dificuldades de compreender determinadas concepções, o que se observou é que elas se esforçaram para entendê-las e identificá-las em uma matéria jornalística, ainda com as complexidades que cada um apresenta. Aos poucos, as alunas foram se apropriando e compreendendo a importância de um olhar atento aos conteúdos midiáticos. Esse diálogo abriu caminhos de compreensão e curiosidade sobre o tema. Foi ampliada a compreensão das estudantes sobre a estrutura de uma notícia e as intencionalidades que perfazem a construção de uma matéria, potencializando sua criticidade.

Considerações finais

Diante do exposto, foi possível notar que através da oficina as alunas assumiram uma postura mais ativa e crítica diante de conteúdos jornalísticos. Conseguiram compreender melhor determinados processos sociais e como a mídia pode atuar direta ou indiretamente nos processos de formação de opinião e na construção de discursos.

Nota-se assim, que é essencial que os sistemas de ensino estimulem o senso crítico de estudantes em relação às informações midiáticas. É fundamental pensar nas diferentes relações que jovens, adultos e idosos possuem com a mídia. Deste modo, evidenciamos os desafios e a relevância do campo jornalístico-midiático no ambiente escolar, sobretudo de estudantes inseridos em mundo midiático, em que a mídia ocupa cada vez mais espaço no cotidiano de diferentes gerações.

Ressalta-se que entendemos o cotidiano como a “vida do homem inteiro” (Heller, 2014) e, conseqüentemente, suas vivências escolares constantemente atravessadas pelos processos comunicacionais. Sendo assim, notamos que do mesmo modo que não podemos escapar ao cotidiano, já que ele faz parte da nossa integralidade, também não podemos escapar à mídia (Silverstone, 2002).

Referências

- BUCKINGHAM, D. **Manifesto pela educação midiática**. São Paulo: Edições Sesc, 2022.
- FERRÉS, J.; PISCITELLI, A. Competência midiática: proposta articulada de dimensões e indicadores. *Lumina*, [S. l.], v.9, n.1, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21183>. Acesso em: 20 de set. de 2023.
- FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?**. 8ª edição. São Paulo: Paz & Terra, 1983.



Anais de Resumos Expandidos
VII Seminário Internacional de Pesquisas
em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 7 (2025)

-
- FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Educar com a mídia**: novos diálogos sobre educação. São Paulo: Paz & Terra, 2013.
- HELLER, H. **O cotidiano e a História**. São Paulo: Paz & Terra, 2014.
- HJARVARD, S. **Midiatização: conceituando a mudança social e cultural**. Matrizes, São Paulo, V.8 n.1, p.21-44. junho 2012.
- KELLNER, D. **A Cultura da Mídia** – Estudos Culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. São Paulo: EDUSC, 2001.
- PERUZZO, Cicília Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2015.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.